

Primeira na Academia, bem-vinda no céu

Por: Maria Clara Bingemer

Pobre Brasil, já tão sovado e provado pela dureza dos tempo. Ficar sem Rachel de Queiroz é empobrecimento para valer. Como vamos nos arranjar, nós, seus leitores contumazes, sem encontrar sua sabedoria atravessada de humor fino e realismo irônico nos livros e páginas do jornal? Noventa anos é bastante idade, Rachel, mas será que não poderia ficar entre nós mais um pouquinho?

Essa cearense forte, filha legítima do Norte, ganhou na pia batismal nome bíblico que - pasmem! - quer dizer "calma como uma ovelha". Trata-se - segundo o dicionário de nomes próprios - "de nome de pessoas que freqüentemente podem chegar a sentir-se vítimas de uma situação familiar ou social".

Nada menos condizente com o perfil de Rachel de Queiroz, essa nordestina, antes de tudo forte e sem rodeios, amante da verdade e guerreira, incapaz de vitimização de qualquer espécie, diante de qualquer situação. Pelo lado materno, era Rachel da estirpe dos Alencar, parente portanto do autor ilustre de *O Guarani*. Pelo lado do pai, era Queiroz, família do Nordeste profundo, com raízes mergulhadas no Quixadá e no Beberibe.

Em 1917, veio ainda menina para o Rio de Janeiro, em companhia dos pais que procuravam fugir dos horrores da terrível seca de 1915, que mais tarde a romancista que seria Rachel iria revisitar em sua obra de estréia, *O Quinze*. Inesperado sucesso de crítica para a moça de 20 anos, o romance foi a porta de entrada no mundo das letras e do jornalismo. Romancista e cronista brilhante, incansavelmente produtiva, Rachel era o retrato da mulher brasileira, verdadeira e rija, sem deixar de ser feminina.

Sua obra deixou transparecer sempre a infância marcada por secas e calamidades devastadoras, fruto da injustiça humana. Rachel não escondia sua filiação à esquerda, porém seu profundo senso ético fez com que a notícia de que uma picareta de quebrar gelo, por ordem de Stalin, havia esmigalhado o crânio de Trotski, selasse sua ruptura com o esquerdismo e seus ideais.

Sem ser carioca de nascimento, Rachel o foi por adoção. Amava e era amada por este Rio, onde produziu e lançou muitas de suas obras e recebeu seus maiores reconhecimentos. Inclusive a dignidade pela primeira vez concedida a uma mulher brasileira de ser membro da Academia Brasileira de Letras.

Aqui viveu até o fim de sua vida, até este há tão pouco passado dia 4 de novembro de 2003, quando faleceu em sua casa situada em terras cariocas, dormindo - como não podia deixar de ser, boa nordestina que era - em sua rede.

Para onde este último sono terá levado a Rachel nada ovelha, nada mansinha, que se confessava não crente, mas o fazia com dor? A ausência da fé em sua vida a fizera declarar mais de uma vez que sentia dolorosamente a ausência da crença em Deus, pois isso a levava a experimentar extrema solidão nos momentos difíceis e dolorosos da vida. Não deixa de ser incrível, no entanto, que a ex-aluna do colégio Imaculada Conceição de Fortaleza, que perdera a fé pelos descaminhos da vida, fosse capaz de escrever uma peça de teatro onde a temática do pecado, da graça e da santidade era tratada com maestria e intimidade, como foi o caso de *O padrezinho santo*.

Pouco conhecida do grande público, essa peça narra a história de um jovem padre interiorano, que aceita mal a própria santidade e os dons extraordinários com que a graça de

Deus teima em cumulá-lo. Porém, a posse de Deus sobre sua vida se impõe e ganha a partida.

Quero crer que assim foi com Rachel, mulher à frente de seu tempo, apaixonada pela justiça, atenta ao pobre, ao oprimido e ao pequeno, que viajou no embalo da rede além do tempo e aterrissou diretamente na eternidade. Ali, certamente, foi muito bem recebida por Aquele que sempre buscou e desejou sem nomear e que lhe deve haver dado alegres boas-vindas em nome dos famintos, dos sedentos, dos nus, dos cativos e de todos os nordestinos que após tantos anos ainda necessitam migrar de sua terra para fugir da inclemente seca que lhes atrofia a vida.